



Marga Stahr*

Sobre a introdução dos *smartphones* na sessão psicanalítica

Vivemos em uma cultura digital globalizada. Os dispositivos tecnológicos mediatizam cada vez mais nossa vida cotidiana e entram também nos nossos consultórios intervindo no campo analítico. Muitos autores vêm pesquisando o fenômeno, e nos congressos psicanalíticos é tema indispensável. Como indica Christopher Bollas (2015), a psicanálise pode adaptar-se a estas novas formas, o importante é que se reflita.

Nestas breves linhas apresentarei algumas ideias de minha prática clínica, na qual observo a tendência *in crescendo* nos pacientes em utilizar áudios, imagens e mensagens de texto armazenados na memória dos seus telefones móveis como uma maneira automática de comunicação. Acredito que é necessário nos determos um momento, como psicanalistas, para pensar se esta permissão contribui com o nosso trabalho. De nenhum modo deve naturalizar-se como um acontecimento neutro, pois implica variáveis muito importantes em relação a nossa teoria e técnica.

Sabemos que utilizar uma foto, uma mensagem de voz gravada ou um texto exato de al-

guma conversa da vida real do paciente conduz o paciente e o analista a perceber os modos de funcionamento mais primários da mente, onde o imediatismo e a concretude da identidade de percepção isenta da exigência de processos mais secundários de representação e identidade de pensamentos. Sabemos também que na técnica psicanalítica é necessária uma dose de frustração ao paciente como requisito para a construção, ampliação e aprofundamento de nexos simbólicos.

No entanto, no tumulto do trabalho clínico, nunca somos tão puristas, e talvez, em certo sentido, não deveríamos ser porque é possível que algumas vezes, e com determinados pacientes, ao deixar-nos conduzir livremente pelas forças do campo analítico – expressas não só verbalmente, mas também em ato (mostrar o celular) – poderíamos acessar interessantes aspectos que não foram processados simbolicamente, não só porque tenham sido rejeitados pela censura, mas talvez porque tenham sido excluídos por excisão ou porque nunca tenham sido vistos ou atendidos por

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

diversos motivos, entre eles, o limite da capacidade perceptiva ou de memória.

Como expressou Freud (1900/1984), a natureza do inconsciente “nos é tão desconhecida como a realidade do mundo exterior e nos é dada pelo testemunho de nossa consciência, tão incompletamente como o mundo exterior pelos nossos órgãos sensoriais.” (p. 715). Hoje, mais do que nunca, estamos super estimulados sensorial, emocional e intelectualmente, e não contamos com suficiente capacidade de processamento. Já não estamos somente diante do retorno do reprimido, mas segundo Bollas (2015), o retorno do oprimido –ou seja, o regresso permanente de toda aquela carga que não chega a mentalizar-se –se negativiza exercendo uma pressão acumulada que nos oprime.

Lembro de uma jovem paciente que veio ao meu consultório a pedido do seu marido que a notava angustiada. A primeira impressão que tive dela foi de uma moça algo infantil, muito meiga e sorridente, sem sinais muitos notáveis de ansiedade. Contou, nas sessões iniciais, sobre as suas preocupações acerca de uma banda musical de que ela gostava muito. Fazia pouco tempo, em um show, havia descoberto que eles estavam se apropriando de letras de músicas que ela havia escrito.

Pensei que era uma fantasia, ainda que um pouco delirante, que tinha a função de satisfazer um desejo narcisista adolescente. Contou também que um dos músicos, do qual ela mais gostava, a olhou do palco e lhe piscou. Então pegou o seu celular para mostrar a foto. Foi para que eu acreditasse e sintonizasse especularmente com ela ou, inconscientemente, para que eu me desse conta das suas rupturas psíquicas? Essa imagem me alarmou bastante.

O lugar do qual ela tirou a foto durante o show estava muito afastado do palco; o músico em questão era apenas um minúsculo ponto, e o mesmo seria ela para o músico. Senti o impacto de uma “prova de realidade” que se antepôs entre nós duas quebrando minha escuta de um potencial desejo. Ali não havia jogo nem sonho, era um delírio. Configurou-se rapidamente na minha mente a percepção de algo muito psicótico que me alertou a tomar precauções: efetivamente, estava-se “cozinhando” uma crise psicótica paranoica.

Penso no “espelho negro” de que nos fala Alessandra Lemma (2019), que não reflete, mas que projeta intrusivamente dentro do espectador, que empurra para uma dimensão plana, obturando a terceira dimensão indispensável para construir um espaço potencial para o desejo.

Incluir o dispositivo tecnológico no discurso é, sem dúvida, uma maneira de eludir frustração, demora, dúvida e conflito, mas comunica algo. Na clínica contemporânea, a escuta de todo material que o paciente traz, deve tomar sempre como referência a descarga (ainda que não chegue a existir propriamente um *enactment*), deve considerar a força pulsional mais do que a representação (Green e Urribarri, 2013, p. 89).

Considero que a intervenção de um telefone móvel só pode converter-se em uma fonte de ampliação para a elaboração simbólica, se não perdermos de vista o objeto psicanalítico: ajudar a gerar a transicionalidade que relacione a realidade externa e a realidade psíquica interna, a potencialidade que permita o surgimento da ilusão e do desejo.

Green e Urribarri (2013) mostram que com pacientes neuróticos que põem em xeque o enquadre e a análise, é indispensável o “enquadre interno do analista” para preservar a função analítica (p. 99). É somente a partir daí que o analista poderá pensar analiticamente, imaginar e representar aquilo que aparece no campo em forma de ação mais que verbalizado, para poder transformá-lo junto com o paciente.

Fiéis à essência da psicanálise como *talking cure*, não podemos perder de vista que outorgar palavra significativa é o meio e o fim do caminho analítico.

Referências

- Bollas, C. (2015). *Psychoanalysis in the age of bewilderment: On the return of the oppressed* [conferência]. Congresso IPA, Boston.
- Freud, A. (1984). La interpretación de los sueños. En J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900).
- Green, A. y Urribarri, F. (2013). *Del pensamiento clínico al paradigma contemporáneo*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Lemma, A. (2019). *The black mirror: Identity, body, technology* [conferência]. Sociedade Peruana de Psicanálise, Lima.